



## O perene desafio da Teologia da Libertação

The perennial challenge of Theology of Liberation

Leonardo Boff\*

De que se trata propriamente quando falamos de Teologia da Libertação? O seu contrário nos permite entender a sua razão de ser: a opressão. O oprimido sempre grita porque sofre no corpo e é humilhado no espírito. O que mais deseja é libertação, pouco importa de onde venha. Muitas vezes não vem de lugar nenhum. Sente-se condenado ao inferno de sua solidão. .

### 1 Atitudes face ao oprimido

Que atitudes podemos tomar face ao grito do oprimido?

Há os *indiferentes*. Hoje vivemos numa sociedade cruel e sem piedade que globalizou a indiferença e se fez incapaz de chorar face à via-sacra de grande parte da humanidade.

Há os que *naturalizaram* a opressão, dizendo que ela pertence ao jogo das forças naturais e sociais. É inevitável.

Há os *compassivos*: colocam-se na situação do oprimido e sofrem com eles oferecendo-lhe um ombro para aliviar o peso.

---

\* Doutor em Teologia, filósofo, ecologista, membro da Iniciativa da Carta da Terra e um dos seus redatores. Foi por muitos anos professor de teologia sistemática em Petrópolis e de Ética na UERJ, além de professor visitante em várias universidades estrangeiras. É autor de mais de 90 livros, na área da teologia, espiritualidade, ética e ecologia, e um dos principais teólogos da libertação. País de origem: Brasil. E-mail: contato@leonardoboff.com

Há os *comprometidos*: indignam-se contra a opressão, buscam as causas que a produzem e se comprometem em processos e ações que sanem pela raiz a opressão.

Atualmente encontramos cristãos em toda essa gama de atitudes: os *indiferentes* cantam tão altos louvores a Deus que sequer escutam o lamento dos oprimidos. Sua preocupação é religiosa e não social. Há os que *naturalizaram* a opressão, reconhecendo, resignados, que ela sempre existiu na história e, no fundo, é insuperável. No máximo têm práticas caritativas mais para acalmar a consciência do que para aliviar os padecimentos dos outros; há os *compassivos* que se passam do lado dos oprimidos, organizam iniciativas que visam melhorar sua situação, mas ainda dentro da realidade maior, principal produtora de opressão; há os *comprometidos*: estes dizem que esta situação é moral e socialmente inaceitável; precisamos de compromissos libertadores que, crendo na força transformadora dos próprios oprimidos conscientizados e organizados, podemos, junto com eles, buscar outro tipo de sociedade onde não seja tão difícil ser solidário, justo e cuidador da natureza, também oprimida pela exploração da ganância de acumulação.

## **2 A atitude comprometida da Teologia da Libertação**

A Teologia da Libertação se inscreve nesta quarta atitude: frente às várias formas de opressão (social, étnica, de gênero e outras), pleiteia a libertação concreta como consequência da teologia do Êxodo, da prática dos profetas, de Jesus e dos Apóstolos. Se nada fizermos, seremos rejeitados pelo Senhor porque não fomos como o bom samaritano que cuidou do assaltado (Lc 10,25-37). Ou teremos que ouvir o terrível veredito do Juiz Supremo: “quando deixastes de fazer a um desses meus irmãos menores, foi a mim que não fizestes [...] afastai-vos de mim malditos” (Mt 25, 45.41).

### 3 A crítica às causas da opressão e sua alternativa

Para que a libertação seja efetiva e não retórica (como na maioria dos discursos oficiais da hierarquia) faz-se mister analisar as causas que geram tal opressão. O método mais adequado é aquele que identifica as causas, pois vem ao encontro dos propósitos da fé que só realmente conta quando é *fides caritate informata*, bem traduzida, quando é uma fé que solidariamente se compromete e se faz libertadora. A tradição crítica em sociologia, em suas várias vertentes, realizou plenamente a desmontagem do sistema do capital, acumulador, individualista, concorrencial e nada cooperativo (“injusto em sua raiz”, nas palavras do Papa Francisco), e acumulador apenas de bens materiais (por isso materialista). Ele é o causador principal, embora não exclusivo, da opressão que tomou dimensões planetárias. Sem passar por esta análise, corre-se o risco de ficarmos apenas em discursos profético-denunciatórios. A Igreja perdeu muito ao temer esta análise.

Mas não basta condená-lo moralmente. Precisa-se superá-lo historicamente a fim de que se criem as condições para que não haja oprimidos que gritam. A solução vem de baixo, tendo os próprios oprimidos como principais protagonistas, junto com uma coligação de valores e forças que apontam na direção de uma democracia social participativa, diuturna, vivida em todas as instâncias e potencialmente sem fim. Nesse horizonte se inscreveu sempre o ideal político da Teologia da Libertação.

### 4 A inspiração da Teologia da Libertação

Mas sob que inspiração ela busca a libertação junto com os oprimidos? Aqui é o seu momento especificamente teológico. Cabe logo dizer: Marx não foi e nem é o pai nem o padrinho da Teologia da Libertação. Pais e padrinhos foram os profetas, Jesus, os Apóstolos e a prática de tantos cristãos e cristãs, que se associaram aos oprimidos e foram caluniados, perseguidos, torturados e mortos, “de quem o mundo não era digno” (Hb 11,38). Eles tomaram a sério a opção pelos pobres, contra a pobreza e a favor da justiça social que constitui a marca registrada da Teologia da Libertação.

Jesus é libertador integral não porque os teólogos da libertação o dizem, mas porque os evangelistas assim o mostram: compassivo com os doentes, indignado contra a falsidade social, libertador da morte, misericordioso para com os pecadores, revelando-nos a dignidade de filhos e filhas de Deus. Não morreu pacificamente na cama, cercado de discípulos, mas em consequência de um conflito político e religioso criado com as forças do tempo. O Pai não quis sua morte, porque não é cruel, mas cheio de bondade. Quis, sim, a sua fidelidade, mesmo que implicasse a morte. “Entre clamores e lágrimas” teve que assumir essa fidelidade (Hb 5,7). Por ela nos redimiou e mereceu a ressurreição. Além de seu supremo valor teológico, ela equivale, politicamente, a uma insurreição contra a justiça que injustamente o executou e que ainda hoje continua a matar seus irmãos e irmãs no mundo inteiro.

## **5 O desafio da Teologia da Libertação às demais teologias**

A Teologia da Libertação só podia surgir na América Latina, num continente onde as maiorias são cristãs e simultaneamente oprimidas e cuja fé foi, por séculos, vivida de forma a mantê-las na opressão e na resignação. Mas por aqui passou o Espírito, *Pater Pauperum*, e fez descobrir as dimensões libertadoras da mensagem cristã, através de seus bispos, teólogos e teólogas, em Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida, em muitos presbíteros, inúmeros religiosos e religiosas, e infindáveis leigos, de várias igrejas e tradições cristãs, mulheres e homens que compreenderam a mensagem de Jesus Cristo Libertador e se empenharam e se empenham pela libertação.

Poucas vezes na história os pobres tiveram tanta centralidade, mostrando criatividade na gestação de comunidades eclesiais de base, de pastorais sociais e da assunção da Palavra de Deus, lida em chave opressão-libertação-festa-celebração. Eles colaboraram na origem de uma verdadeira eclesiogênese, vale dizer, da gênese de uma Igreja com traços evangélicos de pobreza, simplicidade, fraternidade, cooperação e alegria.

Não seria demasiado dizer que o atual Papa Francisco, com o estilo evangélico, misericordioso, popular, simples e despojado de todo aparato que o caracteriza, seja fruto deste caldo eclesial e cultural, libertador e latino-americano. Estas características estão regenerando e devolvendo alegria e esperança à Igreja Universal.

Depois de tudo, vale recordar: “somos simples servos, fizemos apenas o que tínhamos que fazer” (Lc 17,10). O decisivo não é a Teologia da Libertação, mas a libertação real e concreta dos oprimidos de todo tipo de opressão. Porque esta, sim, é um bem imarcescível do Reino de Deus e um sinal inequívoco do projeto de Jesus.

Por fim, importa dizer: a Teologia da Libertação lança um desafio a todas as outras formas de teologia. Cobramos-lhes o que os Apóstolos cobraram de Paulo quando foi a Jerusalém para apresentar a sua forma de evangelizar: “não se esqueça dos pobres”. Oxalá todos os teólogos, de todas as correntes, possam repetir o que Paulo respondeu: “procurei me lembrar deles com muita solicitude” (Gl 2,10). Os pobres não constituem tema entre outros da teologia. Eles pertencem à essência do evangelho. É a partir deles que o evangelho comparece como boa notícia e alegria.

Por cumprir esta missão, a Teologia da Libertação ocupa seu lugar de cidadania assegurado dentro da Igreja e um lugar crítico privilegiado no conjunto de todas as teologias cristãs.